



## A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

**Tayane Carneiro Lima**

Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia e  
Bolsista de Iniciação científica  
Universidade Federal do Pará

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo principal refletir sobre as práticas cotidianas vivenciadas por meio do estágio supervisionado no 1º ano do Ensino Fundamental que ocorreu na Escola pública Rosa Gattorno. Os objetivos específicos foram: Compartilhar as experiências de estágio; Discutir sobre as práticas pedagógicas e o papel da escola e Demonstrar a importância do estágio e da prática docente na formação de professores. Para o alcance dos objetivos expostos, seguiu-se a seguinte metodologia: Observação na Escola e levantamento teórico. Todas essas ações foram feitas a fim de associar a teoria aprendida na academia com a realidade da escola básica. Essa aproximação permitiu conhecer as dificuldades e desafios da Escola, da Educação e da profissão docente. Essa relação de proximidade proporcionou a reflexão sobre quão relevante é o papel do docente da Escola na formação de outros docentes com quem realiza trocas de experiências em sala de aula.

**Palavras-Chave:** Estágio. Prática Docente. Formação de professores.

### 1 Introdução

A realização deste trabalho justifica-se pela necessidade de compartilhar as experiências do estágio com os demais colegas de profissão a fim de proporcionar uma reflexão sobre a prática docente e os muitos desafios da educação para que possamos alcançar a tão desejada qualidade. As experiências foram vivenciadas no segundo semestre deste ano, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Rosa Gattorno, permitiu conhecer e vivenciar minimamente esse cotidiano de forma a apreender informações acerca do trabalho pedagógico com as crianças do 1º ano, as dificuldades e necessidades do Processo de Ensino e aprendizagem, articulando a prática à teoria aprendida em sala de aula na graduação e por meio dos estudos teóricos.

Nessa perspectiva, o objetivo deste estudo é refletir e compartilhar as práticas cotidianas na sala do 1º ano, com base no referencial levantado para esse estudo e tomando por base os conhecimentos construídos durante o percurso acadêmico. O alvo da reflexão é a prática da docente que trabalha com crianças com idades entre 6 e 7 anos de idade, residem às proximidades do colégio que localiza-se no Bairro do Guamá.



Os objetivos específicos foram: Compartilhar as experiências de estágio; Discutir sobre as práticas pedagógicas e o papel da escola e Demonstrar a importância do estágio e da prática docente na formação de professores

Por isso, julga-se que esse trabalho é uma excelente oportunidade de conhecer o que se passa no chão da escola, a rotina, a relação professor x aluno e o trabalho pedagógico, essas questões foram destacadas, embora tenha identificado outros problemas como a questão da organização da escola, a higienização dos espaços entre outras questões fundamentais a serem vivenciados por todos que estarão brevemente a frente dessa realidade.

O estágio supervisionado nos permite refletir sobre a formação de professores, percebendo-nos enquanto sujeitos em formação, os quais precisam analisar e refletir as atividades desenvolvidas pelos sujeitos envolvidos no processo educacional, a luz da teoria aprendida na Instituição de Ensino Superior (IES). Essa articulação teoria e prática é de suma importância para o nosso desenvolvimento profissional, para que conhecendo a realidade da Escola possamos construir nosso fazer pedagógico de forma clara e consciente, buscando a partir da realidade e de seus desafios, contribuir para a melhoria do ensino fundamental, realizando um trabalho de qualidade.

Para discutirmos sobre a prática pedagógica docente, sobre as experiências do estágio e a sua importância na formação de professores. Foi necessário mobilizar os teóricos Paulo Freire (1983), Moacir Gadotti (2004), Maurice Tardif (2013) e Bruno Martins (2014) para que possamos estabelecer relações entre o que foi observado no estágio na Escola Rosa Gattorno e os conhecimentos teóricos.

## **2 Reflexões sobre o estágio supervisionado**

Indiscutivelmente, o estágio é uma necessidade para todo profissional e das licenciaturas não é diferente. Dessa forma, torna-se imprescindível experimentar o contexto educacional do futuro espaço de atuação, aprendendo e ensinando dialogicamente nessa dialética com as professoras e as crianças, observando, participando e contribuindo para o transcorrer das atividades daquele campo de atuação, somente por meio dessa vivência durante o período formativo será possível ter uma certa noção do que teremos que enfrentar em nossa profissão.

Primeiramente é necessário discutir sobre uma questão fundamental na formação docente que diz respeito às tendências pedagógicas, as quais o professor que se preze



precisa conhecê-las, já que não há prática sem teoria, mesmo que alguns pensem que a teoria é dispensável, ou menos importante, sem saber estão direcionando suas ações em concordância com alguma dessas tendências. Por isso, é indispensável pensar sobre o que ensinar, com quais objetivos, como ensinar e para quem, já que precisamos ter coerência entre eles.

A professora mesmo sem ter a percepção disso, está tendo uma prática pedagógica baseada na Tendência Tradicional, que concebe o conhecimento como verdade absoluta e irrefutável, aos alunos só cabe a receptividade, ao professor autoritário cabe o dever de repassar o conhecimento, a aprendizagem é receptiva e mecânica baseada na repetição e na cópia.

É entristecedor para nós futuros professores percebermos que embora com o passar dos anos tenhamos acumulados conhecimentos no âmbito educacional, que embora sempre façamos críticas severas a escola, quanto ao seu papel na sociedade ao longo da história, que ela tem servido para fortalecer o sistema capitalista, formando indivíduos passivos e acríticos para manter o status quo. Mesmo com diversos estudos e pesquisas na área nota-se claramente que esse cenário muito pouco tem mudado.

Na Escola Rosa Gattorno tivemos a infelicidade de estagiar em uma turma, cuja professora mostrou-se nenhum pouco disposta a contribuir conosco, digo isso no sentido de que a formação do pedagogo dar-se não somente na academia, mas principalmente no chão da escola, na verdade é no espaço escolar que temos a oportunidade de experienciar pela primeira vez o ambiente educacional, conhecer os diversos sujeitos escolares, é também nesse espaço que temos a possibilidade de conviver com nossos futuros colegas de profissão, e portanto seria indispensável uma relação colaborativa, na qual pudéssemos contribuir para com sua prática pedagógica, já que sabemos da dificuldade que os professores possuem de conseguir dar conta de uma turma lotada, neste caso com 24 alunos em idades de 7 ou 8 anos de idade, e ainda teríamos a possibilidade de trocar experiências e aprendizados com alguém mais experiente, que nesse momento tem um grande papel na nossa formação.

A impressão que ela deixou é de uma professora que não gosta do que faz e que talvez se tivesse outra opção de trabalho, com certeza não estaria mais atuando em escola. Isso nos remete a pensar em uma questão que não é recente, de que a profissão de professor vem sendo inferiorizada em relação a tantas outras profissões, sendo muitas vezes a última opção de muitos para vestibular ou ainda como se fosse um “bico” para alguns, ou seja, uma atividade que ajuda a aumentar a renda familiar.



Por isso, segundo Tardif (2013), o objetivo principal do movimento de profissionalização docente é oferecer aos futuros professores uma formação universitária de alto nível intelectual, desenvolver competências baseadas em conhecimentos científicos que visam superar a visão rotineira da pedagogia em prol de uma concepção inovadora, de respeito as regras e rotinas escolares a uma ética profissional a serviço dos alunos e de seu aprendizado, pede ainda uma avaliação do ensino, enfim a profissionalização do ensino induz uma visão reflexiva do ato de ensinar, de modo que esse não é mais uma atividade que se executa, mas uma prática que devemos pensar, problematizar, objetivar, criticar, melhorar.

No processo de ensino aprendizagem, ambos andam conjuntamente, mas isso não quer dizer que só porque é ensinado o aluno vai aprender, isso não é verdade, é necessário também a dedicação para que a aprendizagem ocorra, não se pode ensinar sempre da mesma forma, desconsiderando os contextos socioculturais, desconsiderando as especificidades dos educandos e seus conhecimentos prévios, como se fossem tábulas rasas.

O que foi perceptível na prática da professora do 1º ano do Ensino fundamental da escola Rosa Gattorno foi que a rotina tomou conta e ela não consegue ou mesmo não se importa se os alunos estão ou não aprendendo, ela apenas ensina e cabe a eles aprender, e se não aprenderem é falta de interesse dos alunos.

A metodologia é sempre a mesma baseada em livros didáticos das disciplinas, copia do quadro e resolução de exercícios. O acompanhamento se dar por meio do visto no caderno e no livro, também são enviadas atividades para casa, algumas crianças vão para sala de aula sem o dever de casa pronto. A avaliação dar-se por meio de simulados semestrais que servem apenas como critério avaliativo e não para identificar o que precisa ser trabalhado mais e de outras formas possibilitando a aprendizagem daqueles que possuem maior dificuldade.

Em outras palavras voltamos à discussão inicial, a escola continua a excluir aqueles que não se adequam as suas regras processuais e metodológicas, quando que na verdade é a escola que deveria ser atrativa e preparada para possibilitar a construção de conhecimentos por meio da interação entre seus sujeitos, deveria formar cidadãos pensantes, reflexivos e críticos, em compensação muitos profissionais da educação ainda continuam proporcionando uma educação de cabresto, que continua formando indivíduos passivos e inertes.



A postura autoritária e fechada da professora, cuja relação não era nem um pouco dialógica, já que ela não procura ouvir seus alunos, não tem uma relação próxima e sensível. Os alunos, por sua vez, não a respeitam apenas obedecem, possuem medo de perguntar e muitas vezes recorreram a mim para tirar dúvidas, isso não foi recebido com bons olhos pela professora da turma.

Constatou-se que o que ocorre na sala de aula, enquadra-se naquilo que Paulo Freire chamou de educação bancária, nessa concepção, “A educação torna-se um ato de depositar (como nos bancos); o ‘saber’ é uma doação, dos que se julgam sábios, aos que nada sabem” (GADOTTI, 2004, p. 69). E Martins (2014, p. 58) ressalta como Freire identifica a figura do *professor bancário* “que atua depositando conteúdos nos alunos, tidos como recipientes vazios que precisam ser preenchidos pelo professor, agente único do processo de educação para esta concepção”.

Para Freire (1983) a educação bancária não tem como finalidade conscientizar os alunos, a educação libertária em contrapartida visa o pensar autêntico despertar os educandos, a buscarem ser mais, mostrar-lhes seu poder criador e reflexivo. O professor a serviço da educação bancária dificulta o pensar autêntico e crítico em toda sua prática educativa, pois, quanto mais críticos, mais questionadores e mais insatisfeitos, mais preocupante isso seria para seus dominadores, a inquietação preocupa os opressores que querem ter tudo sobre controle.

### 3 Considerações finais

O estágio é de suma importância para formação docente, pois é por meio deste que experimentamos a realidade escolar, saindo um pouco da teoria, para tentar perceber como acontecem de fato as relações dentro da escola, perceber as dificuldades que acontecem no dia a dia nos estabelecimentos de ensino públicos e assim poder articular o que aprendemos na graduação com o que vivenciamos na escola Além de compreendemos as questões que norteiam o trabalho pedagógico do professor.

O estágio nas séries iniciais do Ensino Fundamental permitiu compreender como se dar a rotina das crianças no primeiro ano da escola Rosa Gattorno, o que fazem, como fazem, como se relacionam com os adultos e as crianças. Aprendendo que as atividades desenvolvidas devem levar em conta o contexto sociocultural. O trabalho com as crianças perpassa questões indispensáveis como domínio teórico para delinear as



ações, planejamento, intencionalidade pedagógica, afetividade e as especificidades da turma e dos educandos individualmente.

Essa experiência colaborou para o enriquecimento da minha formação na medida em que vivenciei experiências que serviram para refletir questões importantes e extrair daí aprendizados e evitar cair nos mesmos erros que a docente, que acabou comprometendo de certa maneira minha formação, não deixando participar e colaborar com seu trabalho, além disso compromete o aprendizado das crianças, além de que elas levarão consigo essa experiência de silenciamento e opressão que lhes será danoso ao longo da educação básica e que poderá dificultar inclusive na sua atuação profissional e em sua oralidade perante o público, por medo de exposição.

Desse modo, deixo algumas reflexões sobre qual Educação queremos? A serviço de quem vamos construir nossa prática pedagógica? A serviço do capital ou a serviço da formação cidadã e autônoma? Levanto esses questionamentos para dizer que precisamos enquanto docentes fazer uso contínuo da práxis para que possamos construir e reconstruir nossas práticas pedagógicas respeitando as especificidades dos educandos e o contexto educacional.

## Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido* in. Coleção O Mundo, Hoje. Vol. 21. 13ª Ed. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1983, p.63-87.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

MARTINS, Bruno. **Oprimidos da Pedagogia**: de Paulo Freire à educação democrática. São Paulo: Nibelungo, 2014.

TARDIF, Maurice. **A profissionalização do ensino passados trinta anos**: dois passos para frente, três para trás. In: **Educação e Sociedade**. Campinas, v.34, n. 123, p. 551-571, abr. - jun. 2013.